

ESTADO E IGREJA: RELIGIOSIDADE E IDEOLOGIA DAS PROPAGANDAS NA MIGRAÇÃO PARA A REGIÃO AMAZÔNICA (1942-1945)

NORMA SUELI SEMIÃO FREITAS*

Resumo: A migração de trabalhadores da região nordeste do Brasil, sobretudo do Ceará, para a Amazônia, ainda é um processo de nossa recente história social a ser mais bem compreendido em toda sua complexidade de implicações socioculturais. Uma boa abertura para perscrutar esse recrutamento de mão-de-obra para o Norte é tentar delinear as relações estabelecidas entre os binômios, Igreja Católica e Estado, poder espiritual e poder temporal, a fim de compreender em que medida tal articulação cumpriu papel de levantar homens – “soldados da pátria” e “de Cristo” – para o combate numa nova frente que se abria no Brasil, o front da borracha. Nessa ação, o governo federal criou vários órgãos, dentre eles o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), o qual passou a utilizar a propaganda como o principal mecanismo de mobilização dos flagelados e de adesão da opinião pública, utilizando intensamente um conjunto de imagens, legislação. Logo, busca-se perceber essa aliança entre Estado Novo e Igreja, na qual foi institucionalizada uma política da crença, uma operação sobre a fé e o imaginário social dos católicos mobilizados, no qual indivíduos desvalidos de toda sorte poderiam projetar imagens de um lugar quase messianicamente esperado, uma “terra de esperança”.

Palavras-chave: migração, igreja, Estado.

Abstract: The migration of workers from the northeast region of Brazil, especially Ceará, to the Amazon, is still a process of our recent social history to be better understood in all its complexity of socio-cultural implications. A good opening to scrutinize this recruitment of skilled labor to the North is trying to delineate the relationships established between the binomials, State and Catholic Church, spiritual power and temporal power, in order to understand to what extent such

Artigo recebido em 11 de Agosto de 2014 e aprovado para publicação em 27 de Outubro de 2014.

* Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará. E-mail: sufreitas2005@yahoo.com.br

articulation fulfilled role of raising men - "soldiers of the fatherland" and "Christ" - to combat a new front that opened in Brazil, the front of the rubber. In this action, the federal government created several organs, including the Special Service Workers Mobilizing to Amazon (SEMTA), which has been using propaganda as the main mechanism for mobilization of flagellates and win public support, using intensely a set of images, legislation. Therefore, we seek to understand this new alliance between Church and State, which was a policy of institutionalized belief, an operation on faith and the social imaginary of the mobilized Catholics, in which individuals destitute of all sorts could project images of a place almost messianically expected, a "land of hope."

Keywords: migration, church, state.

Introdução

As relações entre Igreja e Estado no período da Revolução de 30 foram encaminhadas, sobretudo, sob a liderança de Dom Sebastião Leme e Getúlio Vargas, sempre angariados, politicamente, frente a um Estado consciente da premência de contar com a legitimação eclesiástica para ultrapassar os seus momentos de instabilidade e receoso do crescente poder da Igreja, conforme relata Oscar F. Lustosa:

A Igreja, através da hierarquia, saberá aproveitar a conjuntura, explorando-as com rendimentos vultosos em dividendos políticos, a começar pelo prestígio dos bispos no cenário sociocultural, pela capacidade de arregimentar as massas católicas, pela aguda consciência de atendimento às exigências e reivindicações das reformulações básicas da pastoral, outrora sempre deixadas para o futuro, e agora progressivamente assumidas na militância da Ação Católica¹.

Assim, a Igreja buscou adaptar-se às situações em busca de influenciar de forma direta a sociedade no quesito de religiosidade, educação (principalmente os jovens), e cristianização gradual do operariado. Neste contexto, é imperativo esclarecer que a ditadura de Vargas, implantada em 1937, não era reprovada por grande parte dos eclesiásticos – mesmo que não se possa afirmar ser este um posicionamento ímpar, tendo em vista o envolvimento de católicos com o integralismo, um dos motivos aparentes –, pois além de muitos trabalharem nos órgãos do governo, estavam mais atentos à defesa da comunidade cristã e à ameaça do comunismo – subversor da ordem social e cristã²; conjugado a isso, também não se manifestavam em face ao

¹LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromissos (1889-1989)*. São Paulo: Edições Paulistas, 1991, 38.

²Idem. *Ibidem*, p.57.

pavor implantado pelas forças policiais aos denominados *perigosos* e, portanto, perseguidos e presos políticos.

Dessa forma, a Igreja busca incessantemente um lugar de projeção na sociedade brasileira, “ganhar” os fiéis, enquanto possível, com o fito de exercer o seu papel social, político e religioso na manobra dos acontecimentos com a mediação do Estado, negociando com este em suas diversas instâncias. Desse modo, em meio à busca de “recristianizar” a sociedade brasileira paganizada, asseverar que o Brasil era um país autenticamente católico – em um estado laicizado – fazia-se premente, inclusive como “prática organizada e coesa por parte dessa população de crentes, no sentido de torná-la mobilizável para a defesa dos interesses da Igreja”³.

Política Migratória

Como parte deste entrosamento entre o Estado Novo e a instituição eclesiástica, com o advento da Segunda Guerra Mundial, a Igreja assume posicionamento favorável ao alinhamento do Brasil à ala dos Aliados (liderados por Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos) – mesmo que não se possa negar, a existência de simpatizantes às concepções do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Aqui se percebe uma situação paradoxal com o posicionamento favorável do Brasil com o grupo dos Aliados, já que no país ocorria um processo repressivo movido pelas autoridades governamentais e policiais contra os setores oposicionistas, no caso o comunismo. No entanto, esta postura acarretou alguns dissabores na comunidade católica, uma vez que havia a presença no país de padres e religiosos estrangeiros alemães e italianos – dos quais, muitos foram acusados de nazifascistas e, portanto, inimigos do Brasil após o alinhamento –, bem como ainda existiam muitos católicos integralistas⁴ naquela ocasião. Mesmo assim, o eclesiástico escolhido para viabilizar a assistência religiosa aos recrutados e suas famílias frente ao SEMTA, fora Padre Helder Câmara, um dos cofundadores do integralismo, isto é, representante de uma política tradicionalista que tem em suas bases a defesa de uma sociedade estruturada a partir da religião e da família. Influenciado pelo fascismo, os integralistas acusavam os comunistas de corromper a família com seus pensamentos que ameaçavam a formação religiosa das pessoas.

Portanto, a Igreja não só apoia o Estado nesta empreitada da Segunda Guerra Mundial, como irá atuar nas ações em prol de produzir mais borracha para a batalha. Como esse produto era essencial para a condução da guerra, firmou-se os Acordos de Washington em 03 de março de 1942, entre o Brasil e os EUA, como forma de assegurar o suprimento da produção gumífera

³MIRANDA, Júlia. *O poder e a fé* - discurso e prática católicos. Fortaleza: Edições UFC, 1987, p. 42.

⁴Mesmo com a supressão política da AIB por parte de Getúlio Vargas, o que padres e leigos católicos tiveram que aceitar em certo sentido, pois não se queria perder o compasso com o governo, em prol de um movimento que não se sustentaria por muito tempo no país, na conjuntura daquele momento.

desse país. Visando incrementar e dirigir a economia do produto, os dois governos criaram órgãos como o DNI – Departamento Nacional de Imigração, SEMTA – Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, SAVA – Superintendência para o Abastecimento do Vale Amazônico, SNAPP – Serviço de Navegação da Amazônia e de Administração do Porto do Pará, como forma de operacionalizar todo o processo de arrematação de força de trabalho de veteranos e brabos para o trabalho nos seringais.

É plausível esclarecer que o DNI foi o primeiro órgão a avultar a migração dos retirantes, mesmo com todos os obstáculos. No entanto, ao final de 1942 o fluxo de trabalhadores recrutados para ir labutar nos seringais amazônicos não estava correspondendo às expectativas dos americanos, uma vez que foi considerado insatisfatório para acelerar o processo produtivo da borracha. Foi a partir de então, exatamente em 30 de novembro de 1942 que foi criado o SEMTA, a cargo de Paulo de Assis Ribeiro. Dentre as competências deste novo serviço estava, conforme consta na portaria de regulamentação do serviço:

Promover imediatamente aos estudos necessários para transportar, por vias interiores, os trabalhadores nordestinos para a Amazônia; organizar um sistema de recrutamento de tal forma que merecesse a confiança dos trabalhadores, protegendo-os e assistindo-os convenientemente durante a viagem e dando a suas famílias assistência médica e econômica; (...) organizar, ao longo do todo o trajeto a ser percorrido, pontos de pouso com recursos adequados para atender às necessidades dos trabalhadores; organizar um sistema de comunicações rápido e eficiente entre as autoridades encarregadas de proceder à mobilização e ao transporte, de tal forma que possam ficar funcionando perfeitamente os imprescindíveis serviços de subsistência, assistência médica e ligação entre os trabalhadores e suas famílias.⁵

Ao longo da portaria exaltam-se, primordialmente, quatro balizadores do serviço de arrematação: migração, seca, família e trabalho – componentes que permeiam o imaginário da construção do trabalhador nordestino –, mas ainda não menciona a respeito da questão religiosa. Martinello expõe que no plano do então nomeado Ministro da Mobilização Econômica, Tenente Coronel João Alberto Lins de Barros, para a movimentação de trabalhadores para a Amazônia, propunha em sua estruturação a presença de um membro da Igreja Católica, ao afirmar:

Um grupo de trabalhadores devia ser organizado em cada comunidade onde seria constituído um Comitê dos Três: o chefe, um comerciante de renome e o **Padre Vigário**

⁵ Arquivo Nacional (RJ) - Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Portaria Nº 28 Regulamentação do SEMTA*, 30 de novembro de 1942, p.1-2.

que se responsabilizariam pela seleção destes indivíduos que desejassem tomar parte no programa amazônico para produção da borracha (...)” (*grifo nosso*).⁶

Religiosidade

No documento institucional denominado de *Esboço de Programa para a Assistência à Família dos Trabalhadores Mobilizados*, já consta legitimada a função do clero com vistas a oferecer assistência tanto religiosa como moral (presença, inclusive, de uma capela), bem como evoca a prática da educação física nos núcleos⁷, isto é, pautado nos ditames apregoados no período do Estado Novo, a seguir:

Assistência moral, social e econômica:

O SEMTA facilitará nos núcleos a missão eclesiástica com o fim de permitir às famílias o **culto religioso e a assistência moral** dos sacerdotes especialmente designados pelas dioceses. (...) Será mantido nos núcleos, como complemento os trabalhadores de educação, um serviço destinado a facilitar a recreação das famílias dos trabalhadores, aproveitando-o para desenvolver conveniente trabalho de **educação física** (*grifos nossos*).⁸

Além desse tipo de assistencialismo, prestado nos núcleos às famílias e aos candidatos a seringueiros recrutados até a partida para a Amazônia, constam outros tantos como: *higiene infantil, higiene alimentar, assistência médica*, bem como *assistência médico-sanitarista*, o que remete à política da crença na higiene – cuja ênfase é ressaltada na própria escrita do relatório com destaque sob a palavra –, na saúde, na educação; princípios estes presentes no discurso eugenista: “Destacada do terreno geral da educação nos núcleos, a formação de hábitos higiênicos e uma ‘política sanitária’ destinada a assegurar a observação dos princípios de saneamento, serão levados a termo pelas enfermeiras e pelos guardas sanitários”.⁹

⁶RFC (RG. 234) – RDC, Entry 271. *Reporto f the Brazilian Rubber Program, Part I.*, 1995, p. 79. Apud MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico*. Rio Branco: UFAC, 1985, p.79.

⁷ Para melhor entendimento, faz necessário clarificar que os *núcleos* seriam locais, nos quais “as famílias dos trabalhadores que optarem pela assistência prevista pelo SEMTA na cláusula 2º do acordo complementar de 17 de janeiro de 43 serão encaminhadas para núcleos de produção organizadas em locais que ofereçam facilidade para plantação, criação e trabalhos domésticos. Nesses núcleos serão organizadas cooperativas para aquisição e colocação de toda a produção, as quais [sic!] terão regulamento especial. Em cada núcleo construirá o SEMTA alojamentos coletivos para as famílias e os locais para administração, cooperativas pavilhão médico, pavilhão para escola, **capela** e as demais obras que se tornarem necessárias. Estas construções irão sendo substituídas progressivamente, à proporção que se fôr operando a transformação institucional em organização de base familiar”. Arquivo Nacional (RJ). Fundo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Esboço de Programa para a Assistência à família dos trabalhadores mobilizados*. AP:50; caixa 4, Doc.56, Abril de 1943, p.1.

⁸ Arquivo Nacional (RJ). Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Esboço de Programa para a Assistência à família dos trabalhadores mobilizados*. AP:50; caixa 4, Doc.56, Abril de 1943, p.3.

⁹ Idem. *Ibidem*.

Essas foram algumas das condições articuladas para a estruturação das atividades do SEMTA dos nucleados em Fortaleza. Para a manutenção dos trabalhadores no Norte, o relatório considerado de cunho confidencial, escrito por Carlos José de Assis Ribeiro, irmão do chefe do SEMTA, ao então Diretor da CME (Coordenação da Mobilização Econômica), Arthur Nehl Neiva, versa sobre várias questões e condições da região Norte, observadas na visita realizada para a estruturação do processo. Carlos José de Assis Ribeiro relata ter permanecido apenas onze dias, período que não considera suficiente para emitir com assertividade as condições da região, ao mesmo tempo em que discorre a respeito da organização administrativa e enumera acerca da relevância dos oito departamentos criados pelo SEMTA: administração, finanças e controle, assistência social, assistência à saúde, **assistência religiosa**, obras, transportes e manutenção e propaganda, o que entrelaça a relação mantida entre Estado e a Igreja para a sistematização do recrutamento.

Ribeiro elenca várias dificuldades a serem enfrentadas pelo órgão, que vão desde a rapidez do recrutamento e da marcha, a má compreensão de algumas autoridades estaduais, a falta de transportes (terrestres, marítimos e fluviais), má qualidade da água, falta de material de construção dos pousos e certos gêneros alimentícios, até a questão sexual (atrelada ao fator religioso) na marcha. O relator, ao se definir como católico, se acha suspeito para argumentar sobre o assunto, mas chega a cotejá-lo sob o ponto de vista político-criminal, o que já aconteceu em penitenciárias agrícolas:

Em primeiro lugar, estou convicto de que a retenção ou contenção do instinto sexual, em suas manifestações normais, não pôde produzir perturbações nervosas e psíquicas, desde que haja no homem atividade pelo **trabalho** e pela **recreação**, ao lado de uma fixação **religiosa pela pregação**. E tenho para meu apoio trabalhos e pesquisas de ilustres criminalistas, psiquiatras e sociólogos, que refutam os princípios dos sexualistas extremados, que vêm na continência o início das **inversões sexuais**. Vossa excelência, que já exerceu, durante muito tempo, suas atividades na Polícia do Distrito Federal, sabe, por exemplo, que a **pederastia** já não mais é considerada como consequência da falta de contacto sexual normal. A ciência vem provando que é uma questão de constituição biotipológica e glandular (*grifos nossos*).¹⁰

Essa problemática da *inversão sexual* passou a ser um dos alvos de “resolução” e “preocupação” por parte da Igreja e Estado, pois, os homens estando longe de suas mulheres e em contato direto apenas com outros homens, haveria a propensão para o desvio da sexualidade,

¹⁰ Arquivo Nacional (RJ). Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Relatório confidencial de observações feitas no norte, junto ao SEMTA*, apresentado por Carlos José de Assis Ribeiro ao excelentíssimo senhor doutor Artur Nehl Neiva, dd. Diretor da secretaria da coordenação da mobilização econômica, AP.50, caixa 4, doc.17, 8 de abril de 1943, p.11.

o que deveria ser evitado como forma de primar pelos bons costumes e moral da família brasileira, bem como “evitar os vícios e as aberrações sexuais de uma maneira discreta”.¹¹ Sobre o assunto, Ribeiro retrata que há a necessidade de uma ação mais enérgica e dirigida nos pousos, como forma de “afastar” os pederastas, pois eram considerados seres doentes e, portanto, nocivos à família, ao trabalhador e à produtividade do trabalho:

Em cada pouso existe um campo de esporte e uma capela rústica, onde os Padres celebram as cerimônias religiosas e pregam os seus sermões. Mas, não é o bastante. O ideal seria que em cada pouso permanecesse um missionário, com capacidade de sacrifício, agindo como os Jesuítas do século XVI e XVII, através de um apostolado individual afetivo e permanente. Não digo que assim o problema estivesse resolvido. Não, porque é sabido que toda mobilização de homem atrai os pederastas passivos e estes precisam é de hospitalização e tratamento, entretanto, obteríamos apreciáveis resultados.¹²

Mais uma vez aqui, o discurso em torno do esporte atrelado à religião, destarte, como forma de “acalmar os ânimos” dos trabalhadores no *front* Amazônico. Mas para além de amenizar a ansiedade dos corpos, a recorrência à prática de esportes, assim como a de exercícios físicos, tinha um significado mais denso do que esse. Os esportes foram usados em diferentes contextos sociais e lugares enquanto “técnica pedagógica e disciplinar de ‘instituição total’, inventada nos internatos das escolas populares por diversas instituições de enquadramento moral e simbólico dessas classes”.¹³

No decorrer do relatório acima referido, ainda se levanta a questão da possibilidade do SEMTA em facilitar aos soldados da borracha a procura de meretrizes, ou por ventura “disponibilizá-las” nas mediações do pouso. Isso também acarretaria muitos problemas, tanto pelo fato do povo nortista ser considerado bastante religioso, quanto pela possibilidade de denúncia perante o clero – o que levaria o trabalho do Padre Helder a vir capitular –, pois provocaria oposição da Igreja quanto à saída dos seus paroquianos para a Amazônia. De um lado, existiria o fato do contágio dos trabalhadores com doenças venéreas, o que propagaria para seus companheiros o mesmo malefício, em detrimento da prática sexual com vários parceiros, o que seria alarmante, pois, contaminados, seriam recusados pelo SAVA e, conseqüentemente, isso traria enormes prejuízos para o SEMTA (aqui, denota-se uma preocupação mais voltada para o econômico, para a produtividade em detrimento da saúde dos trabalhadores). Por outro lado, o contato com as prostitutas também traria outros conflitos:

¹¹ Idem. Ibidem.

¹² Arquivo Nacional (RJ). Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Relatório confidencial de observações feitas no norte, junto ao SEMTA*, p. 11-12.

¹³ LOPES, José Sérgio Leite. *Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro*. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004, 131.

(...) o “amigamento” ainda que transitório, é fatal nas meretrizes ainda não muito mercantis. E o dia em que um trabalhador A tivesse contacto com a meretriz B, “amiga” do trabalhador C teríamos cenas semelhantes às que são frequentes nos meretrícios em geral. E a briga de dois homens que pertencem a uma coletividade de 1.600, onde há simpatias e antipatias pessoais, póde degenerar-se em conflitos, sempre alarmantes e prejudiciais ao SEMTA. E permitindo que os trabalhadores venham à cidade para ter contatos sexuais, caso que acontece em São Luís, não muito raro as autoridades policiais não gostam e reclamam, à vista do grande número de homens do Semta que, em grupos, percorrem as ruas. (*Grifos do autor*).¹⁴

Para a resolução dessas demandas diversas, cada departamento dentre os oito, fora estruturado nos moldes a sanar qualquer óbice à empreitada do recrutamento e colheita gumífera. Para o religioso, Padre Helder fora o sacerdote escolhido, então funcionário do Ministério da Educação, passando a ser o chefe do Departamento de Assistência Religiosa:

O S.E.M.T.A., possui um Departamento de Assistência Religiosa, destinado a coordenar e orientar a ação do clero em geral, desde o arcebispo de Fortaleza, até os vigários de freguesias do interior. Em uma viagem inicial já foi estabelecido contato com todas as autoridades eclesiásticas que desde então os paroquianos sobre as razões econômicas e patrióticas da migração para o Amazonas.¹⁵

Este departamento solicitou uma tríplice assistência religiosa: “aos trabalhadores em marcha, aos trabalhadores nos seringais e às famílias nucleadas dos trabalhadores que partirem para a Amazônia”¹⁶ o que, inicialmente, suscitou várias críticas de setores religiosos quanto ao fato dos homens casados irem para os seringais sem suas famílias. Daí um dos fatores que levou Padre Helder, em um período mais curto do que o de um mês – uma das suas primeiras iniciativas –, a visitar os eclesiásticos de seis estados do Norte e do Nordeste do Brasil, no qual buscou convencê-los da importância de sua participação na mobilização orquestrada pelo Governo, diante do caráter de emergência, em virtude da guerra e, sobretudo, devido à ameaça de infiltração de outras correntes religiosas na Amazônia. Como se vê, uma mobilização intensa do religioso no sentido de convencer outras lideranças religiosas regionais da necessidade de estreitar vínculos com o Estado, estabelecendo uma política cuja força e eficácia objetiva – e mesmo simbólica – embasavam-se na crença, na articulação de um capital simbólico¹⁷ da Igreja para os fins de mobilização de trabalhadores para a Amazônia, para o *front* da borracha. Com

¹⁴ Arquivo Nacional (RJ). Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Relatório confidencial de observações feitas no norte, junto ao SEMTA*, p.12.

¹⁵ Arquivo Nacional (RJ). Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Relatório do SEMTA*. Caixa 5, nº 63, p.5.

¹⁶ Arquivo Nacional (RJ). Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. D. Aloísio Masella D. D. Núncio Apostólico*. Cx.4, Pasta 3, Doc. 7.98, 28 de janeiro de 1943, p.1.

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 294-295.

isso, a instituição religiosa reproduziria seu capital simbólico junto à sociedade em geral, inflacionando, particularmente, as expectativas dos fiéis arregimentados pelo SEMTA.

Ameaça protestante

Padre Helder Câmara buscou pronunciamento dos Exmos. Srs. Ordinários visitados, quanto à tríplice assistência religiosa solicitada. Todas foram acatadas sem objeções, com exceção do assistencialismo às famílias nucleadas, ao passo que o desejo dos sacerdotes consultados era que os trabalhadores destinados à Amazônia fossem acompanhados de suas famílias. Daí o posicionamento defensivo de Padre Helder:

Expliquei-lhe que o SEMTA afirma não se poder responsabilizar pela ida imediata das famílias dos trabalhadores mobilizados, dada a **situação sanitária** do Amazonas. Trata-se de um plano de guerra. O governo não pergunta se estamos ou não de acordo com o mesmo – apenas solicita para a sua execução a assistência eclesiástica. Conosco, ou sem nós, o plano será posto em ação. **Os protestantes espreitam a oportunidade de infiltrar-se de Amazonas a dentro.** Da parte católica impõe-se uma recusa ou convém colaboração? Todas as autoridades eclesiásticas ouvidas foram unânimes em afirmar que dos males o menor: consideram imprescindível a colaboração.¹⁸

Dessa maneira, com a presença constante de estrangeiros na região devido ao próprio contexto da guerra, a ameaça protestante estava iminente e não restaria outra saída a não ser a colaboração com os planos de migração nos moldes do governo, pois, seria melhor ver famílias separadas do que convertidas a outras religiões ou convivendo com práticas religiosas diferentes. Da mesma forma, havia receio, em geral, quanto ao destino de missionários católicos norte-americanos com rumo à Amazônia com vistas a prestar assistência aos trabalhadores nos seringais:

Em geral os Exmos. Srs. Ordinários receiam a vinda de missionários católicos norte-americanos para o Amazonas. Reconhecem uma dupla vantagem que essa vinda traria; mais facilmente enfrentariam pastores protestantes que viessem a aparecer; vindos de país rico e progressista trariam recursos técnicos e financeiros nada desprezíveis. Em compensação, observam que, embora não sejam padres maus, tem mentalidade diferente da nossa (*Grifo do autor*).¹⁹

Há uma preocupação, como fica patente, quanto a uma “**invasão**” de estrangeiros, inclusive de religiosos católicos, porque teriam mentalidades diversas a dos padres brasileiros ou

¹⁸ Arquivo Nacional (RJ). Acervo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. *Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Exmº e Revmº Sr. D. Aloísio Masella D. D. Núncio Apostólico. LocCit.*, p. 1-2.

¹⁹ Idem. *Ibidem*, p.2.

radicados no país há bom tempo. Como alternativa, preferem que venham os norte-americanos quando pertencentes à mesma Ordem ou Congregação Religiosa em serviço na Prelazia ou Prefeitura Apostólica. Para isso, quando houver a definição de lugares da atuação dos sacerdotes, deverá verificar-se a qual Ordem presta suas atividades eclesiais, bem como investigar se as referidas Ordens dispõem de residências nos EUA. Outra opção seria os missionários canadenses, mas o considerado como ideal seria conseguir o trabalho de missionários brasileiros, o que diminuiria os transtornos de concepções diferentes sobre o catolicismo. Portanto, havia toda uma cautela em cercear os espaços e propensos estrangeiros que se dispusessem a trabalhar no assistencialismo religioso nos seringais amazonenses.

“Contratualização” e assistencialismo

Ademais, o serviço religioso também foi pensado para compor o contrato assinado pelo trabalhador, conforme consta na cláusula terceira: “O SEMTA propiciará ao trabalhador e à família, de acordo com a orientação dos srs. Bispos e demais autoridades eclesiais locais, a necessária e indispensável assistência religiosa”.²⁰ Desse modo, esse amparo institucional fazia parte do esforço de guerra e estava descrita em, basicamente, todos os documentos institucionais do SEMTA como forma de legitimar essa ação junto aos trabalhadores e famílias, no qual Dom Lustosa deflagra: “(...) quão providencial foi a mobilização, organizada como vemos. Vão os soldados da borracha com o possível conforto. E é plano cercar de conforto também a família que êle amparava. (...) Embarcam para a Amazônia os pobres flagelados”.²¹

E esse conforto (espiritual), anunciado pelo bispo, seria prestado tanto às famílias que ficariam em Fortaleza, quanto aos soldados da borracha encaminhados para os seringais da Amazônia. Assim, dentre as prerrogativas desse novo serviço, estava “organizar um sistema de recrutamento de tal forma que merecesse a confiança dos trabalhadores, protegendo-os e assistindo-os convenientemente durante a viagem e dando a suas famílias assistência médica e econômica”.²²

É viável destacar que, neste sentido, visando a manter a união da família – já que a Igreja não era de toda assente na separação do trabalhador de sua família no processo migratório –, havia orientação do arcebispo para que as paróquias, nesse momento de guerra, investigassem os

²⁰ MAUC (Museu de Arte da UFC). *ContratodeEncaminhamentodotrabalhador mobilizado*. Fortaleza (CE), 1943, p.1.

²¹ Seminário da Prainha. Carta Pastoral, “*Sobre a seca de 1942*”. Dom Antônio de Almeida Lustosa, Fortaleza (CE), 1942, p.27.

²² MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico*. Rio Branco: UFAC, 1985, p. 217.

noivos ao procurarem agendar casórios, com vistas a evitar o casamento de mobilizáveis, o que demonstra que a atuação da Igreja também ocorreu fora dos núcleos:

Nêste momento de mobilização de homens para a Amazônia, sobretudo, deveríamos ter todo o empenho em evitar casamento de mobilizáveis. Exigir o contrato civil é mais um meio de os evitar. Se fizerem o contrato civil, não poderemos deixar de tratar do casamento religioso. Isto é verdade; nêste caso é a necessidade que nos levará a assistir a esses casamentos que, dando-se a mobilização, vão colocar os casados em condições moralmente difíceis, pois os mobilizados vão sem a família.²³

Lúcia Lippi Oliveira analisa que todo esse processo está relacionado a uma fase de “revolução” (política, moral e religiosa), que não se encontra arraigada nos fatos materiais, mas em uma dimensão subjetiva e transcendental: “a de reencontrar o espírito da nação em suas mais profundas tradições culturais e cristãs. A revolução mais do que um fato político, é um fato espiritual: ela retorna aos valores humanos e cristãos do povo brasileiro”.²⁴ A autora aventa que a “revolução” brasileira, como proposta “restauradora”, assume uma feição espiritual de “reeducação” do povo, o que não se pode realizar fora do cristianismo.

Assim sendo, a ênfase que a Igreja atribuía à moral, ao nacionalismo, ao patriotismo, ao anticomunismo coincidiam com a orientação de Vargas – temas frequentes no jornal *O Nordeste* –, de um Estado forte. Havia a crença de que Getúlio realizava a doutrina eclesiástica (aproximação de fé e poder), enquanto a Igreja asseverava seu posicionamento a favor da nação e não da guerra. Nas várias matérias publicadas no jornal *O Nordeste*, há aquelas intituladas geralmente com as palavras-chave atinentes a assistencialismo, aos trabalhadores, aos flagelados, aos militares. Dentro dessa perspectiva de auxílio ecumênico, eram realizadas missas pelos capelães como meio de proteger e energizar o espírito para a batalha:

ASSISTÊNCIA RELIGIOSA AOS MILITARES

Para o Serviço Religioso Facultativo dos nossos homens de armas católicos, de acordo com a chefia da Região Católica dos Militares, o EXmo. E Rvmo. Sr. Arcebispo dividiu o campo em quatro zonas ou capelanias, a saber:
Capelania de São Maurício (...);
Capelania de São Jorge (...);
Capelania de Nossa Senhora dos Navegantes (...);
Capelania de Nossa Senhora de Lôreto (...).²⁵

²³ Seminário da Prainha. Livro de Tombo n.20, vol. 1 – Circular N. 22, Dom Antônio de Almeida Lustosa, arcebispo de Fortaleza. Fortaleza (CE), 05 de fevereiro de 1943, p. 1-2.

²⁴ OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.117.

²⁵ INSTITUTO DO CEARÁ. *Jornal O Nordeste*. Fortaleza (CE), 19 de março de 1943, p.3.

O assistencialismo prestado tanto pelo Estado quanto pela Igreja Católica remete a certa matriz que, tratando-se de políticas sociais, remonta a uma longa duração da história da Igreja. No caso do Ceará, desde o século XIX, entrando pelo XX, instituições ligadas à Igreja e o poder público se articulavam para desempenhar certa política social sobre a questão da pobreza que, a partir de meados dos Oitocentos, torna-se problema inarredável. Posto que, se individualmente e em pouca monta, os pedintes, os órfãos, mulheres abandonadas e inválidos – uns vivendo de esmolas, outros da prostituição e uns terceiros da gatunagem –, eram presenças aceitáveis e até oportunidade para o exercício da caridade, virtude cristã nobilíssima, a soma e constituição desses em multidão gerava medo, temor, não mais apenas incômodo aos olhos mais polidos.

Como se erigiu esse problema e como ganhou preeminência aos olhos das elites e do poder público? Primeiro, as secas ocorridas no século XIX assolaram a população nordestina e concorreram como fenômenos de implicações tanto naturais quanto sociais, uma vez que, justamente, nesse período a capital cearense recebeu quantidades consideráveis de retirantes, enquanto passava por medidas de urbanização e de modernização. Com a formação de um aglomerado de flagelados na cidade, homens e mulheres pobres retirantes, que vinham à capital cearense – centro do poder público local – apenas com a precária roupa do corpo, passam a atrair a atenção do poder público; atenção que inspirava cuidado, no sentido duplo desta palavra: vigilância e assistência.²⁶

Um segundo ponto daquela questão diz respeito ao fato de que, entrado o século XX, esse arranjo entre Igreja e Estado, no que toca ao trato com as demandas sociais da pobreza e da miséria, não irá mudar muito sua configuração, nem sua essência. O assistencialismo da instituição cristã tem uma densa razão histórica, consolidada ao longo dos séculos no Ocidente. Ora se criou uma teologia dos pobres, o que se traduziu mais à frente no florescimento de instituições de assistência, como asilos e hospitais; ora se deu apoio ao recrutamento de pobres no campo, destituídos de suas terras comuns, o que se verteu na condenação dos vagabundos – aqueles que resistiam ou simplesmente não eram incluídos na sociedade de novo tipo de produção que surgia com as bênçãos da Igreja, benzendo máquinas e ensinando a resignação aos padrões aos fiéis trabalhadores – muitos deles, à época da manufatura penal, retirados de asilos, manicômios e prisões.²⁷

²⁶Sobre os cuidados do poder público e as maneiras de lidar com os retirantes, aproveitando-os para o trabalho, consulte-se: CÂNDIDO, Tyrone Apollo Pontes. *Trem da seca: sertanejos, retirantes e operários (1877-1880)*. Fortaleza: Museu do Ceará Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2005, p. 43. Ver, também: NEVES, Frederico de Castro; SOUSA, Simone de (Orgs.). *Seca*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, *passim*; e NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000, *passim*.

²⁷MOLLAT, Michel. *Os pobres na Idade Média*. Rio de Janeiro: Campus, 1989, *passim*.

Numa outra vertente dessa tradição filantrópica, o assistencialismo religioso remete também a um momento posterior à época dos padres guerreiros – isto é, tempo de lutas quase constantes contra os inimigos de suas crenças, do contexto das Cruzadas e, mais tarde, no século das chamadas guerras de religião (1530-1648) entre católicos, de uma parte, e luteranos e calvinistas, de outra –, em que ficou preservado o sacerdócio militar pela conveniência do serviço assistencial, hoje reconhecida por grande parte dos que integram a medicina como necessária para energizar o espírito e prevenir seus efeitos. E, nesse ponto, voltando à atuação da Igreja no Estado Novo, por meio do assistencialismo, o governo varguista soube aproveitar-se muito bem dessa tradição caritativa da instituição católica para arregimentar os soldados que seguiriam para o *front* na Amazônia. Igreja e Estado investiram numa política que se usufruiu muito bem do capital simbólico da instituição religiosa, na medida em que movimentou signos, articulou esperanças e confianças em torno de uma política da crença. Por seu lado, a Igreja soube aproveitar-se do regime estadonovista e de seu discurso, a partir do DIP e do Ministério de Educação e Saúde, acerca da proteção da família, que seria o corpo da nação, base de um Estado forte e disciplinado.²⁸

Propagandas

Em relação às propagandas políticas no Estado Novo, consolidaram-se como um dos pilares do exercício do poder de Vargas, ao passo que a conexão entre política e cultura nos regimes de massa encontra um caminho muito profícuo para a “exploração” de imagens, símbolos, mitos e utopias.²⁹ Nesse sentido, o governo varguista valeu-se exaustivamente das imagens religiosas, cuja busca de apoio da Igreja resulta, ao mesmo tempo, num sentido político, mas também na possibilidade de se valer das imagens católicas, do capital simbólico da instituição religiosa.

Para Alcir Lenharo, a utilização das imagens no período do Estado Novo tinha clara intenção de espalhar “carga emotiva e sensorial”, como forma de obter do público sensação de contentamento e aceitação. A própria concepção de colonização no período, a qual se reportava a “Marcha para o Oeste”, tinha forte imbricação e apoio na propaganda:

A construção da imagem da “marcha” ancora-se na técnica da propaganda e nos conteúdos míticos das ramificações românticas e petista católica, disseminadas na cultura nacional. Cassiano Ricardo, do Deip. Paulista, sabia muito bem disso tudo. Na

²⁸PINTO, Sergio Murillo. *A doutrina Góis: síntese do pensamento militar no Estado Novo*. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.297.

²⁹CAPELATO, Maria Helena R. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998, 35.

sua obra, *Marcha para Oeste*, as cores, os sons, a poesia, um **especial clima de religiosidade** são instrumentalizados para compor o itinerário mítico que vai das bandeiras paulistas ao Estado Novo.³⁰

Desse modo, propaganda e religiosidade caminhavam juntas, uma vez que a imagem religiosa aponta para desígnios políticos, ainda que disfarçados. A política dessa instrumentalização do uso e culto das imagens, dos símbolos, do catolicismo, propaga-se facilmente por encontrar terreno cultural de fácil aceitação e cristalização.

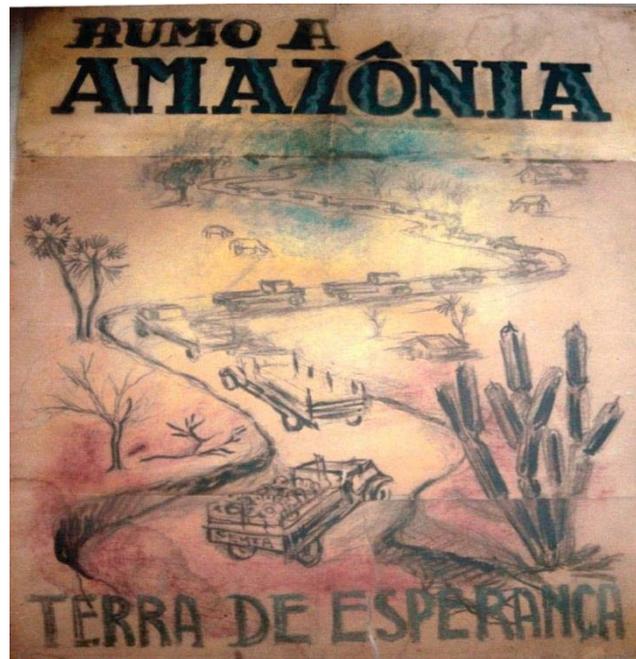
Seguindo a mesma premissa, o suíço Jean Pierre Chabloz, contratado para trabalhar na propaganda oficial do SEMTA, explora a partir de sua arte a veiculação de imagens paradisíacas de uma Amazônia tropical, feliz e próspera, onde todos encontravam trabalho e onde a água era abundante. Desta forma, a propaganda passou a ser o fundamental instrumento de mobilização dos flagelados e de adesão da opinião pública “um dos recursos largamente utilizados pelos intelectuais do Estado Novo – que construíam a ideia de uma Amazônia ideal, terra da ‘promissão’, da ‘fartura’ e da ‘esperança’, que se contrapunha ao Ceará, terra da ‘seca’”.³¹

Nos cartazes coloridos produzidos por Chabloz, os seringueiros apareciam recolhendo baldes de látex que escorriam como água de grossas seringueiras. Todo o caminho que levava do sertão nordestino, seco e amarelo, ao paraíso, verde e úmido, da Amazônia estava retratado naqueles cartazes repletos de palavras fortes e otimistas. O bordão “Borracha para a Vitória” e outras frases de efeito como “Rumo a Amazônia: terra de esperança” tornaram-se emblemáticos no processo de mobilização realizada por todo o nordeste (ver Imagem 1).

Imagem 01 - Cartaz

³⁰LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas. SP: Papyrus, 1986, p.15.

³¹NEVES, Frederico de Castro. *Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas*. In. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH/Humanistas, vol. 21, n 40, 2001, p.120.



Arquivo MAUC/UFC, Jean Pierre Chabloz (estudo para cartaz. s/d)

Neste sentido, é patente a influência da propaganda e dos elementos simbólicos do catolicismo disseminados na cultura nacional naquele momento, com a utilização de imagens, dispositivos de poder com finalidades claramente políticas, no qual visa difundir uma carga emotiva junto ao público receptor, deflagrando respostas emotivas que denota, politicamente, estado de aceitação, reação passiva, conforme explana Alcir Lenharo. O autor traça um desdobramento acerca da utilização da cruz, projetada no espaço da nação como lugar definitivo do trabalho, ao mesmo tempo em que explica sua função de “centro gerador da ordem”. Nos termos de Bourdieu, a publicidade do Estado e da Igreja Católica, através do SEMTA, visava a mobilizar o capital simbólico dessa instituição religiosa, articulando signos configurados em imagens, topônimos. E a partir desse capital, empreender um poder *ignorado-reconhecido*³² pelos fiéis e trabalhadores enquanto violência coerciva. Assim, a propaganda esteve intimamente comprometida com uma política da crença, na medida em que visou permear as consciências dos pobres e trabalhadores sertanejos com imagens positivas da Amazônia, por vezes apresentada enquanto lugar da salvação, do fim das dificuldades e sofrimentos proporcionados pela condição social.

Logo, as imagens produzidas pelo pintor Jean Pierre Chabloz mostram-se de bastante relevância dentro do contexto da propaganda varguista. Num país bastante ruralizado, à época, e com parte significativa de sua população à margem do sistema educacional, e mesmo analfabeta, práticas como essa ganhavam força e expressão. Repercutem, apelando para os diversos sentidos

³²BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p.15.

da percepção humana – visto que a propaganda do Estado Novo se fez explorando variada gama de linguagens audiovisuais –, a ideologia do regime, cultivando esperanças, assanhando expectativas, acerca de destinos melhores, fornecendo subsídios, ruídos e vestígios com os quais indivíduos pobres e desvalidos de toda sorte poderiam projetar imagens de um lugar quase messianicamente esperado, desejado com fé, como uma “terra santa”, “terra de esperança”, lugar da “salvação” na Terra.

Referências de fontes

Carta Pastoral, “Sobre a sêca de 1942”

ContratodeEncaminhamentodotrabalhadormobilizado, 1943

Desenhos do pintor Jean Pierre Chabloz, 1943

Esboço de Programa para a Assistência à família dos trabalhadores mobilizados, 1943

Folheto do pintor Jean Pierre Chabloz, sem data

Jornal O Nordeste, 1943

Livro de Tombo, 1943

Portaria Nº 28 de regulamentação do SEMTA, 1942

Relatório confidencial de observações feitas no norte, junto ao SEMTA, 1943

Relatório do SEMTA, 1943

Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. D. Aloísio Masella D. D. Núncio Apostólico, 1943

Referências bibliográficas

Referências de livros

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. Campinas, SP: Papirus, 1986.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromissos (1889-1989)*. São Paulo: Edições Paulistas, 1991.

MARTINELLO, Pedro. *A Batalha da Borracha na Segunda Guerra Mundial e suas consequências para o Vale Amazônico*. Rio Branco: UFAC, 1985.

MIRANDA, Júlia. *O poder e a fé - discurso e prática católicos*. Fortaleza: Edições UFC, 1987.

MOLLAT, Michel. *Os pobres na Idade Média*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica Pimenta; GOMES, Ângela Maria Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

Referências de capítulos de livros

GOMES, Angela de Castro. *Ideologia e trabalho no Estado Novo*, p.60. In: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LOPES, José Sérgio Leite. *Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro*. In: BATALHA, Claudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

PINTO, Sergio Murillo. *A doutrina Góis: síntese do pensamento militar no Estado Novo*. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

Referências de artigo em periódico

NEVES, Frederico de Castro. *Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, ANPUH/Humanistas, vol. 21, n 40, 2001.